

Credores divididos

31 JUL 1989

GAZETA MERCANTIL

Credores divididos

por Getulio Bittencourt
de Nova York

(Continuação da 1ª página)
que devem e credores devem insistir em que isso aconteça. "Perdão da dívida pertence ao setor de ajuda externa, e os bancos não estão nesse negócio", argumenta.

Mas pelo menos um banqueiro ouvido ontem por este jornal concorda em linhas gerais com a descrição de Christine Bogdanowicz-Bindert. "Nós entendemos que o principal não é o maior problema", disse esse banqueiro, que está envolvido na corrente negociação com o México. "Uma redução de 10% no principal refletirá um alívio de apenas 1% nos pagamentos de juros do país", acrescentou.

Ele tem um outro argumento a respeito do principal. "O principal da dívida tem sido renegociado sem problemas. E não tem sido pago. Daí a nossa pergunta: por que reduzir algo que não está sendo pago? Isso é uma simplificação, mas trata-se disso. O problema real é que os países em desenvolvimento não estão conseguindo pagar os juros. O coração da questão é o pagamento dos juros."

Mesmo esse banqueiro pondera, contudo, que nenhum banco dirá que prefere esta ou aquela opção "sem ter todas as alternativas colocadas na mesa. Mas é possível dizer que alguns bancos estão partindo de pontos diferentes na negociação", concluiu.

por Getulio Bittencourt
de Nova York

Os grandes bancos norte-americanos estão divididos quanto à melhor maneira de administrar a dívida externa dos países em desenvolvimento. O Citibank está pressionando por uma combinação de dinheiro novo com redução do serviço. O Morgan luta pela redução do principal. E o Chemical Bank e o Manufacturers Hanover pela redução dos juros.

As informações estão desdobradas num livro sobre a dívida externa do Terceiro Mundo que está sendo editado pela diretora do Banco de Investimentos Shearson Lehman Hutton em Frankfurt, na Alemanha Ocidental, Christine Bogdanowicz-Bindert. Os bancos alemães, segundo ela, também estão divididos. Os belgas são contra emprestar dinheiro novo.

E a primeira vez que os bancos se mostram divididos, se isso for real, disse a este jornal o professor David Felix, da Universidade de Illinois. E lembra que a história da dívida até aqui tem sido o contrário: os bancos unidos, portanto fortes, e os países separados, portanto fracos.

A descrição que ela faz sobre a estratégia defendida pelo Citicorp é correta, segundo confirmou a este jornal uma fonte do maior banco dos Estados Unidos. "A informação sobre o Morgan Guaranty defendendo a redução do principal está correta", disse a este jornal um banqueiro nova-iorquino.

Mas o próprio Morgan discorda. "Eu até imagino de onde ela tirou essa idéia", disse o porta-voz do banco, John M. Morris. "E porque nós fizemos uma redução do principal da dívida mexicana através do bó-

Mexican Bonds), colateralizado com uma garantia de cupom zero do Tesouro dos Estados Unidos.

Morris assegura, porém, que Christine está errada na medida em que sugere que o Morgan defende essa posição excluindo alternativas. "Nós somos flexíveis", assegura. "Nós queremos um menu de opções e não a defesa de uma alternativa com exclusão de outras. Não podemos dar detalhes porque as negociações com o México estão em curso, mas posso afirmar que nossa posição é flexível."

O Manufacturers Hanover também discorda. "Nossa posição não é essa, não sei de onde ela tirou essa idéia", disse a este jornal o porta-voz do banco, John Meyers. Ele nota que recentemente o vice-presidente executivo internacional do Manufacturers, John J. Simone, deixou clara a posição do banco ao dizer que a resposta para a crise da dívida será encontrada "não na fixação da corrente abordagem país por país, mas na construção sobre os sucessos dessa abordagem, fortalecendo o que precisa ser fortalecido e expandindo as opções quando apropriado".

Simone considera-se um conservador. Acredita, por exemplo, que devedores devem pagar o

(Continua na página 2)

O impasse na renegociação da dívida externa do México com os bancos credores está causando irritação ao presidente do país latino, Carlos Salinas de Gortari. Na semana passada, Salinas chegou a admitir a presidentes da América Latina que talvez seja o caso de se rearticular uma ação conjunta dos países devedores.

(Ver página 2)